

**ALMEIDA, Leandro Thomaz de. *É necessário queimar os hereges: Sébastien Castellion e a liberdade de opinião na época da reforma protestante.* São Paulo: Fonte Editorial, 2014. 120p.**

*Jean Pierre Chauvin\**

Precedido pelo oportuno e bem escrito “Prefácio” de Paulo Brabo – que afiança desde cedo a qualidade dos capítulos a vir -, lemos, à segunda página do livro de Leandro Thomaz de Almeida, que “Nos nossos dias não custa nada tuitar 'hereges somos todos aos olhos de quem não pensa como nós.' Sébastien articulou essas precisas palavras há quase quinhentos anos [...]” (p. 14). O aviso é sério e antecipa um dos objetivos do autor.

Em sua “Introdução”, Almeida relata como foi o seu contato e a consequente escrita da porção substancial de seu trabalho, durante uma estada em Paris no ano de 2011. Seu encontro, quase por acaso, com a vasta e densa obra de Sébastien Castellion (1515-1563) rendeu-nos um dos primeiros materiais a respeito do teólogo francês editado por aqui. A notícia da publicação deste livro não deve passar despercebida, especialmente porque os escritos de Castellion permitem que se lance “uma nova visão sobre a possibilidade de exercício pacífico da religião e da promoção da liberdade de pensamento em um século tão decisivo para a história ocidental” (p. 18).

Já no primeiro capítulo, o historiador apresenta alguns dados sugestivos, aproximando a biografia de Sébastien Castellion à sua inegável relevância como pensador da teoria e da prática religiosa. Nesta seção do livro, passamos a saber que o contato entre João Calvino e Castellion foi bastante próximo: “Por volta de 1540,

---

\* Professor da disciplina Cultura e Literatura Brasileira, junto ao Departamento de Jornalismo e Editoração, na Escola de Comunicações e Artes (USP), São Paulo, SP, Brasil - tupiano@usp.br

Calvino dava aulas de teologia do *Gymnase* da cidade [de Genebra] e, para completar sua renda, abrigava pensionistas em sua casa. Um desses pensionistas foi justamente Castellion” (p. 24)

No entanto, as “diferenças com Calvino começaram a aflorar” (p. 26) desde cedo. João Calvino primeiramente nega o consentimento à tradução que Sébastien Castellion propunha da Bíblia para o Francês. Além disso, os dois teólogos discordaram veementemente em relação a alguns pontos de interpretação do Velho Testamento, justamente quando Sébastien se submetia ao “exame teológico”, pré-requisito para que assumisse o posto de “pastor de igreja na cidade” (p. 26), ainda na década de 1540.

Em 1551, Castellion assistiu a sua tradução latina da *Bíblia* ser publicada “pelo amigo Oporin”. Dois anos depois, defendeu seu mestrado na Universidade Bâle. Em seguida, foi “nomeado leitor de grego na Faculdade de Artes” (p. 28). Esses e outros dados revelam, além de uma sólida formação, seu espírito reflexivo e o franco interesse no exercício coerente da prática religiosa. A história está prenhe de exemplos em que teólogos questionaram as posturas dos homens que mais fervorosamente conclamaram a sua fé.

No caso em questão, acrescenta-se que a sabedoria de Castellion casava-se a um autêntico estratagema pela sobrevivência. A partir do segundo capítulo de seu estudo, Leandro Thomaz de Almeida conta como Sébastien fez uso do pseudônimo Martin Bellie, de modo a se proteger de sua provável perseguição e condenação por parte dos reformadores, especialmente os adeptos mais ferrenhos do calvinismo. A estratégia valeu-lhe também a possibilidade de se referir ao seu *Traité des hérétiques* (1554) como se se tratasse de um comentador; uma segunda voz, além daquela com que assinava o volume.

Na opinião do autor, “Castellion procura mostrar que a heresia não pode ser definida somente em função das opiniões que alguém encampe, mas também da prática delas decorrentes. Assim, o herético é o que porta doutrinas que engendram maus costumes” (p. 33). Dito de outro modo, o precioso estudo de Almeida defende o pressuposto (fortemente disseminado pelo próprio Castellion, em seus livros e tratados) de que a ação dos religiosos deveria enfatizar a “ortopraxis”, e não a “ortodoxia” (p. 36).

Decorre daí a sábia conclusão de que “Um povo dependente da opinião de seus mestres e ameaçado constantemente pelo banimento ou pela execução quando ousa discordar dela é forçosamente conduzido a uma preocupação excessiva com a doutrina”

(p. 39). O fato é que a argumentação de Sébastien Castellion impressiona, tanto em razão de sua notável coerência interna, quanto pelo fato de ter sido perpetrada pelo teólogo paralelamente aos abusos cometidos pelos autodenominados “reformadores protestantes”, na primeira metade do século XVI.

Ao articular seu pensamento, inteligentemente, o pensador francês não desqualifica o que vai nas Escrituras. Antes, e de modo até certo ponto similar ao que fez o holandês Erasmo de Roterdã, Castellion se vale das palavras sagradas para contrapor-se frente ao discurso pouco condizente com determinadas práticas de seus oponentes. Afinal, nos termos do próprio religioso: “o maior número de cristãos não creem no Cristo de forma diferente com que os turcos creem em Maomé” (p. 51).

Nesse resgate da vida e dos escritos de Sébastien Castellion, amparado em tratados e estudos antigos publicados na França, Leandro Thomaz de Almeida assume papel corajoso e um tanto raro, em nossos dias. Em seu trabalho está implícita a convicção de que julgar e condenar o outro é uma atitude necessariamente vinculada à arrogância, combinada à aparente certeza (e ao caráter dogmático) de quem julga.

O historiador parece ter compreendido com precisão os preceitos do teólogo francês, para quem “a questão não é saber se as santas Escrituras são verídicas, mas como é preciso compreendê-las” (p. 60). Castellion demonstrou em mais de uma oportunidade que a doutrina por vezes sobrepuja a propalada piedade dos homens de fé. Isso também significa que a solidez do conhecimento nem sempre implica os melhores juízos de quem detêm a palavra, o poder.

Uma das consequências imediatas da supervalorização da doutrina reside na implementação de práticas persecutórias e arbitrarias que contradizem os principais pressupostos cristãos – fundados na caridade e no amor ao próximo – num contexto em que, conforme Castellion percebera, nosso “pobre mundo foi reduzido a uma tal servidão que ele não oferece mais lugar para o menor debate” (p. 71).

Disso decorre a ideia reiterada por Almeida de que haveria uma “íntima relação, constante ao longo da História, entre ortodoxia e poder. A heresia não é senão a opinião dos que não gozam de poder: 'quem alguma vez afirmou de si mesmo que professava a má religião?', pergunta-se Castellion” (p. 76). Os discursos de historiado e historiador se irmanam, o que revela a aguda e sensível abordagem de Leandro Thomaz de Almeida.

Outra discussão dentre as mais interessantes, resgatadas em seu livro, refere-se à defesa por parte de Castellion do livre-arbítrio, em oposição à tese da predestinação - esta sabida e virulamente apregoada por João Calvino. O historiador demonstra que,

para o teólogo francês, “o homem pode se servir do uso de seu bom senso para chegar a conclusões espirituais, porque Deus não se posiciona de forma contrária à natureza que ele mesmo moldou em suas criaturas” (p. 89).

Respaldado por importantes fontes e organizado de modo didático e em linguagem acessível, o livro de Leandro Thomaz de Almeida está disposto de maneira que os cinco capítulos que o compõem sirvam como poderoso instrumental para que melhor entendamos e nos solidarizemos com as considerações que ele apresenta em sua “Conclusão”.

O leitor não se engane, frente ao termo escrito no singular. Há diversas teses a que o autor chega, todas elas muito bem fundamentadas e que nos conduzem com segurança às razões que motivaram seu estudo. Eis as principais conclusões legadas pelo historiador, sob a forma de asserções ou mesmo de questionamentos:

1) Calvino e Lutero “aboliram a autoridade papal e logo em seguida cuidaram de estabelecer outra: as suas próprias (p. 96); 2) “Que 'livre exame das Escrituras' é esse que ora se vê, se a liberdade é unicamente para repetir o que diz a tradição? (p. 97); 3) “ainda não se chegou a uma concepção de fé cristã que privilegie a experiência espiritual pessoal e deixe a formulação teórica que a descreve em segundo plano” (p. 97); 4) ainda hoje, não avançamos “em termos de tolerância religiosa” (p. 98); 5) Castellion é “uma exceção, dentro de uma tradição marcada por traços predominantemente negativos em termos de respeito à singularidade de cada indivíduo” (p. 99); 6) seria preciso reconsiderar a “proposta de Ludwig Feuerbach, [...] reconhecer que não há propriamente uma 'essência' nas expressões religiosas, mas a manifestação de desejos humanos” (p. 101); 7) “a história do cristianismo mostra que ele esteve a maior parte do tempo ao lado do status quo e sempre pronto a punir movimentos que questionassem esse posicionamento” (p. 101)

As questões são de máxima importância; mas o leitor, evidentemente, tem o direito de discordar de algumas afirmações do autor. No entanto, para o bem de sua própria contra-argumentação, seria imperioso que ele desse início a uma eventual contestação do que vai no livro dispondo de auxílios fornecidos pelo próprio autor: Almeida traduziu e anexou a “Dedicatória” ao duque de Wirtemberg - escrita por Sébastien Castellion para o seu *Traité des hérétiques*.

Sob esse ponto de vista, cabe perguntar: haverá algo de mais autenticamente honesto e democrático que instrumentalizar o seu leitor, equiparando-o para um desejável debate com o próprio autor?

Nesse sentido, a lição de Leandro Thomaz de Almeida é exemplar. Seu livro representa uma notável contribuição à memória de Sébastien Castellion, além de sugerir a relevante e necessária discussão a respeito das contradições inerentes a determinados métodos empregados de modo arbitrário e inconsistente, por parte dos homens religiosos (ou não). Sujeitos, vale lembrar, falíveis: ainda que se expressem de modo mais ou menos intolerante e em nome de (seu e único) Deus.

*Data de submissão: 11/08/2014*

*Data de aprovação: 03/09/2014*